



EIS AGORA O DIA DA SALVAÇÃO

O ITINERÁRIO QUARESMA E O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA

Por Pe. Vinicius Podda



Imagem: O Retorno do Filho Pródigo, de Bartolomé Estéban Murillo (modificado)

O sacramento da penitência funda-se na missão redentora de Jesus Cristo, “aquele que salva seu povo de seus pecados” (Mt 1, 21). O Mistério Pascal de Cristo – em sua paixão, morte, ressurreição e subida ao céu – é o evento culminante da história da humanidade, pois a liberta totalmente da escravidão, do pecado e da morte. Só Deus pode perdoar pecados (Mc 2, 7), por isso o sacrifício de Cristo tem poder de justificar todos os homens (Rm 3, 24-25). Somos todos associados a esta salvação por meio do batismo, o modo ordinário de participar da morte redentora de Cristo e alcançar a remissão dos pecados. De fato, São Paulo afirma: “Ou não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Portanto, pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm 6, 3-4).

Jesus Cristo deixou um modo ordinário para perdoar pecados: o sacramento do batismo, claríssimo para a Igreja primitiva. No entanto, o que fazer com os que pecam gravemente depois

de terem sido batizados? Teriam uma possibilidade de expiar de novo suas faltas? Repetir o sacramento do batismo estava fora de cogitação, pois há um só Deus, uma só fé e, portanto, um só batismo, conforme o símbolo apostólico. Entra em cena então o sacramento da penitência, chamado pelos Padres da Igreja de “segundo batismo”. Na história dos sacramentos, a penitência foi o que mais experimentou mudanças na sua forma. Preservando sempre sua essência de instituição divina revelada por Jesus Cristo (Jo 20, 23), o modo de celebrar esse sacramento sofreu uma série de mudanças significativas no decorrer da história da Igreja.

Com a finalidade de ajudar nossos leitores a aprofundar em um autêntico e verdadeiro espírito de penitência quaresmal, revisitemos, em breves traços históricos, a prática penitencial dos primeiros séculos da história da Igreja.

Até meados do século VI, o batizado que cometesse algum pecado de grave matéria era submetido à chamada penitência canônica, composta por três fases principais. A primeira era o

ingresso na ordem dos penitentes, quando o pecador se acusava diante do bispo e de toda a comunidade eclesial, manifestando seu arrependimento e o desejo sincero de fazer penitência pelos pecados. Em seguida, havia o momento do exercício das práticas penitenciais, quando o penitente, excluído temporariamente da comunidade à qual ferira com seus pecados, empenhava-se em purificar seu espírito por meio da oração e das práticas de mortificação. Por fim, eram concedidas ao penitente a absolvição sacramental e a reintegração à comunidade cristã, em um ato litúrgico na presença do bispo.

Todo o processo era marcado pelo tempo quaresmal. O ingresso na ordem penitencial se dava sempre na Quarta-Feira de Cinzas. A imposição das cinzas, que se conserva até hoje, é resquício claro da prática penitencial daquela época. O segundo momento era de tempo indeterminado, pois dependia da gravidade do pecado cometido ou da progressão do penitente na prática penitencial, avaliadas pelo bispo. Imagem desse tempo são os quarenta dias de duração da

Quaresma. Devido à sua referência ao tempo de tentação e provação que sofrera o povo de Israel no Sinai, assim como ao do próprio Jesus Cristo no deserto da Judéia, o quarentenário quaresmal abre-se para o cristão como um tempo propício à conversão e à mudança de vida. Por último, a reinserção na comunidade era feita no Tríduo Pascal, dado que, nesse mesmo tempo, os catecúmenos eram inseridos na comunidade cristã após seu itinerário catecumenal pré-batismal. Reconciliados com Cristo e com sua Igreja e tendo participado da morte com ele por meio das práticas penitenciais, os cristãos renovados e perdoados gozavam da alegria da participação da ressurreição de Jesus Cristo na noite das noites: a noite pascal.

Possamos também nós, arrependidos de nossos pecados e côneos da necessidade de por eles fazer penitência, entrar neste tempo de coração aberto e espírito bem-disposto. Vivamos esta Quaresma intensamente, na confiança de que a misericórdia de Deus “perdura de geração em geração para aqueles que o temem” (Lc 1, 50). ■

AMORIS LAETITIA

CAP. 6: PERSPECTIVAS DE UMA PASTORAL FAMILIAR

Por Anderson Rubin

O Papa Francisco, retomando as conclusões do Sínodo sobre a Família (2014 e 2015), destaca o papel das famílias cristãs como sujeito primordial da pastoral familiar, no sentido de que em cada lar deve-se constituir uma igreja doméstica, onde é possível “experimentar que o Evangelho da família é resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana: a sua dignidade e plena realização na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade” (AL 201).

Para tanto, o Santo Padre convida as comunidades a acompanhar cuidadosamente o caminho de amor dos noivos, ajudando-os no tempo de preparação para o matrimônio, proporcionando um itinerário de formação para o sacramento do matrimônio – que, por sua própria natureza, deve ir além de um mero cursinho de temas sobre o casamento –, de modo a fornecer os elementos necessários a iniciar a vida familiar com certa solidez. Assim, deve-se ajudar os noivos para que “não considerem o matrimônio como o fim do caminho, mas o assumam como uma vocação que os lança para diante, com a decisão firme e realista de atravessarem juntos todas as provações e momentos difíceis” (AL 211).

No mesmo sentido, a Igreja reconhece que “os primeiros anos de matrimônio são um período vital e delicado, durante o qual os cônjuges crescem na consciência dos desafios e do significado do

matrimônio” (AL 223). É importante que os novos casais sejam acompanhados também depois da celebração do casamento e possam aprender com a experiência e com os testemunhos de casais mais maduros.

Aos casais que passam por crises, o papa Francisco recorda que as provações podem “melhorar, sedimentar e maturar o vinho da união” (AL 232). Cada crise é uma oportunidade de aprendizado e, uma vez superada, ela pode ser sentida “como uma ocasião para chegar a beber, juntos, o vinho melhor”.

É preciso reconhecer que, em situações extremas, há casos em que a separação é inevitável. “As pessoas divorciadas que não voltaram a casar (que são muitas vezes testemunhas da fidelidade matrimonial) devem ser encorajadas a encontrar na Eucaristia o alimento que as sustenta no seu estado” (AL 242). E as pessoas divorciadas que vivem em nova união devem também sentir que fazem parte da Igreja.

O papa conclui com um apelo: “Peço aos pais separados: nunca, nunca e nunca tomeis o filho como refém! Separastes-vos devido a muitas dificuldades e motivos, a vida deu-vos esta provação, mas os filhos não devem carregar o fardo desta separação; que eles não sejam usados como reféns contra o outro cônjuge, mas cresçam ouvindo a mãe falar bem do pai, embora já não estejam juntos, e o pai falar bem da mãe” (AL 245). ■



Foto: Anne Edgar

5 CONSELHOS DO PAPA FRANCISCO PARA SUPERAR AS CRISES CONJUGAIS

- 1 **Faça-se presente:** não se isole nem se afaste, mas mantenha aberto o canal de diálogo.
- 2 **Procure acompanhamento:** o aconselhamento ajuda o casal a enxergar os problemas em sua real dimensão.
- 3 **Espere:** não tome decisões precipitadas em momentos de conflito e tensão.
- 4 **Perdoe:** saber perdoar e sentir-se perdoado é fundamental na vida familiar.
- 5 **Diga “sim”:** reconheça que cada crise é como um novo “sim” que torna possível o amor renascer reforçado, transfigurado, iluminado.



Foto: Lotte Meijer

TESTEMUNHO

AMPARADOS NA GRAÇA DE DEUS E DA IGREJA

Por Selene Marinho

Certa vez, alguém me disse: “Conheço bem e critico a doutrina católica. Fui batizada, primeira comunhão, ensino fundamental em colégio católico, participação em grupos jovens etc. A doutrina católica não aceita, por exemplo, que divorciados comunhem. Sou excomungada! Imagine se seu marido quisesse o divórcio, seja lá por qual motivo, e você fosse então excomungada! É preciso dar outra interpretação a isso!”.

Aos 20 anos, casei-me na igreja, como era a prática social à época. Sempre fui católica “IBGE”, só ia a missas em sétimos-dias, casamentos e batizados. Divorciei-me.

Já vivendo em segunda união, com o Cláudio, retornei à Igreja católica, 13 anos atrás. Nem eu nem ele podíamos receber a comunhão física (hóstia). Não podíamos, por questão de consciência. Se estendêssemos a mão diante do sacerdote, ele nos daria a hóstia, pois, no exercício do ministério, não pode negá-la. Mas seguíamos o que diz o Catecismo da Igreja, item 1650. De fato, vivíamos uma “situação que contraria objetivamente a lei de Deus”, no caso, o que está no capítulo 10,



Foto: Naiara Pontes

versículos 11 a 12, do Evangelho de Marcos.

Na igreja, nunca fomos discriminados. Tirante a comunhão e serviços propriamente litúrgicos, participávamos de tudo. Aliás, também isto está expresso no Catecismo, item 1651, que, em relação aos divorciados, determina que “os sacerdotes e toda a comunidade devem dar prova de atenta solicitude, a fim de não se considerarem separados da Igreja, pois, como batizados, podem e devem participar da vida da Igreja”.

Vivenciando a comunidade e a doutrina, descobrimos que

um sacramento é um sinal visível de realidades espirituais e não um ritual mágico. Pode acontecer de a celebração não corresponder a realidade espiritual alguma. No caso do matrimônio, no qual os celebrantes são os noivos e não o padre (a quem cabe presidir a liturgia), pode ocorrer de o sacramento não ter sido válido.

Comecei a questionar a validade do meu matrimônio. Devorei livros, artigos, súmulas, mas resistia à ideia. Fui casada por cerca de 15 anos, tive dois filhos, como aquilo não teria sido válido?

Então, um padre me disse para eu não julgar minha própria situação; deveria sim perguntar à Igreja. Fui ao setor apropriado da Cúria Arquidiocesana e relatei a minha história. O monsenhor que me atendeu esclareceu que existiam matrimônios nulos e outros nos quais o casamento havia simplesmente fracassado. No meu caso, vislumbrou a possibilidade de ausência do sacramento verdadeiro. Isso, porém, só se saberia ao final do processo, que me orientou a iniciar, e que decerto demoraria (ainda não era o procedimento mais simples e célere estabelecido recentemente pelo Papa Francisco). Foi um longo tempo de paciência, esperança, oração e, por fim, castidade.

Dois anos atrás – com 58 anos de idade e há 18 em segunda união –, recebemos finalmente a resposta da Igreja e pudemos celebrar o nosso matrimônio – este, sim, verdadeiro.

Entre o período em que vivemos na igreja como divorciados e este, em que estamos casados sob a lei de Deus, a única coisa que mudou, em termos práticos, foi que agora participamos da comunhão física. ■

DICA DO MÊS

LIDANDO COM AS DIFERENÇAS Por Natália Pimentel

Em meio à temporada de premiações cinematográficas, a dica deste mês traz o filme indicado ao Oscar de melhor maquiagem. “Extraordinário”, baseado no livro homônimo, conta a história de Auggie Pullman, uma criança que nasceu com uma má-formação facial. Educado em casa até os 10 anos, seus pais decidem que está na hora de ele ir à escola. Lá, Auggie passa por várias dificuldades por conta de seu rosto, mas não desiste de provar a todos que não é a nossa aparência que nos define.

Embora seja indicado para todos, a sugestão é principalmente para as famílias. O filme é uma boa oportunidade para os pais conversarem com seus filhos sobre como lidar com as

diferenças ou sobre como ser diferente. É importante que desde pequenas as crianças consigam entender que as pessoas são muito mais do que elas parecem ou são. Para lidar com as escolhas complicadas, tanto na escola como na vida, nos aconselha um dos professores de Auggie: “quando tiver que escolher entre estar certo e ser gentil, escolha ser gentil”.

Aproveitando o mote da cerimônia do Oscar, outros ganhadores são ótimos para assistir em família, como “A vida é bela” (vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro em 1999) e “Os box-trolls” (indicado ao Oscar de melhor animação em 2014). Aproveitem!



ACONTECEU

Fotos: Pedro Fontenele

QUARTA-FEIRA
DE CINZAS

No dia 14 de fevereiro, demos início à Quaresma com a celebração da Quarta-feira de Cinzas. Fomos chamados à conversão e a nos preparar para a Páscoa, utilizando as armas entregues por Cristo: oração, jejum e esmola.

VISITA DO
BISPO

No dia 27 de fevereiro, recebemos o bispo responsável pelo vicariato norte, Dom Valdir Mamede, que presidiu a santa missa. Fomos exortados a buscar o Reino dos Céus, mediante a conversão e a mudança de vida.



MUTIRÃO DE CONFISSÕES

MARÇO - 20H

DIA
12MÃE DA DIVINA MISERICÓRDIA
214/215 NORTESÃO JOSÉ OPERÁRIO
604 NORTEDIA
13DIA
14VERBO DIVINO
609 NORTEN. SRA. DAS GRAÇAS
604 NORTEDIA
15DIA
16N. SRA. CONSOLATA
913 NORTEN. SRA. DA SAÚDE
702 NORTEDIA
19DIA
20N. SRA. DA ESPERANÇA
307/308 NORTEN. SRA. DO LAGO
QI 3 LAGO NORTEDIA
21DIA
22DIVINO ESPÍRITO SANTO
905 NORTESÃO FRANCISCO
915 NORTEDIA
23SEMANA
SANTA
2018DOMINGO DE RAMOS
25 DE MARÇO - 9h30 | 19hLAVA-PÉS
29 DE MARÇO - 19hADORAÇÃO DA CRUZ
30 DE MARÇO - 15hENCENAÇÃO DA PAIXÃO
30 DE MARÇO - 19h30VIGÍLIA PASCAL
31 DE MARÇO - 19hPÁSCOA
1º DE ABRIL - 9h30 | 19h

+ KERIGMA

Perdeu alguma edição do Kerigma ou quer reler algum texto? As edições passadas estão disponíveis no nosso site, na aba Kerigma. Se tiver alguma sugestão de pauta ou quiser publicar um texto nas nossas próximas edições, procure a Pascom no e-mail: pascom@pnse.com.br. E não se esqueça de seguir as nossas redes sociais.

f ParoquiaNossaSraEsperanca

@nsraesperanca

EXPEDIENTE

Paróquia Nossa Senhora da Esperança

EQN 307/308 s/n, Asa Norte, Brasília - DF CEP 70746-400 - Fone: (61) 3273-2255

Missas: Segunda, Terça, Quinta, Sexta e Sábado - 19h | Quarta - 7h | Domingo - 7h30, 9h30 e 19h

Secretaria: Seg - 14h às 19h | Ter, Qui e Sex - 9h às 12h e 14h às 19h | Qua - 9h às 12h e 14h às 17h | Sábado - 9h às 12h

Confissões: Terça e Quinta - 17h às 18h30 | Quarta - 10h às 12h | Sexta - 16h às 18h30

Kerigma - Edição Março 2018

Pároco: Pe. Geraldo Cardoso

Vigários: Pe. Bernardo William Echeverry
e Pe. Vinicius de Lima Podda

Diácono: José Paulo Pati

Produção: Pastoral da Comunicação

Fale com a Pascom: pascom@pnse.com.br